

# Como eu virei um cético da indústria transformadora

*Por Dani Rodrik*

*Valor, 24/05/2026*

*A boa notícia é que o setor de serviços pode ser capaz de gerar o crescimento da produtividade*

Numa reunião de acadêmicos e decisores políticos em Harvard este mês, um participante me lembrou que eu publiquei há 15 anos um artigo sobre “O Imperativo da Indústria Transformadora”. Como o título sugere, o texto enfatizava a importância da industrialização para impulsionar o crescimento econômico, criar bons empregos e construir uma classe média. “Este é um dos meus artigos favoritos de sempre”, disse o decisor político africano à audiência.

Difícilmente há maior recompensa para um acadêmico do que ver suas ideias ressoarem fortemente junto das pessoas para quem escreve. Contudo, neste caso, uma leve crítica acompanhou o elogio. O que eu tinha escrito naquela coluna e em muitos outros locais à época parecia entrar em conflito acentuado com os argumentos que eu estava apresentando nesta conferência sobre os limites da indústria transformadora.

A contradição era real. Nos últimos anos, me tornei cético sobre a viabilidade do modelo tradicional de crescimento impulsionado pela industrialização. Tenho defendido um modelo diferente de crescimento econômico, enfatizando o desenvolvimento de capacidades produtivas em serviços que absorvem mão de obra, na sua maioria não-transacionáveis. Tenho alertado decisores políticos na África e noutras regiões em desenvolvimento de que tentar imitar o modelo do Leste Asiático produziria, no melhor cenário, enclaves de indústria transformadora, com uma pequena parcela de empresas produtivas integradas nas cadeias de valor globais, e com a maior parte da força de trabalho ainda presa em atividades de baixa produtividade.

O México é um exemplo deste resultado. Como Santiago Levy, ex-vice-ministro das Finanças mexicano, salientou na mesma conferência, as exportações de produtos manufaturados do México aumentaram mais de dez vezes desde que o país se juntou aos Estados Unidos e ao Canadá para formar o Acordo de Comércio Livre da América do Norte (Nafta) em 1994. Às portas de um mercado gigante e com decisores políticos determinados a promover comércio externo e investimento estrangeiro, poucos países foram abençoados com circunstâncias melhores para uma industrialização voltada à exportação. Porém, o desempenho econômico global do México tem sido desanimador, mesmo para os padrões pouco exigentes da América Latina, com uma trajetória de produtividade em declínio.

O que fez da indústria transformadora o poderoso motor de crescimento econômico que costumava ser foi o fato de poder empregar um número grande de trabalhadores pouco qualificados, ao mesmo tempo que impunha exigências limitadas à governança e às infraestruturas dos países de baixos rendimentos. A indústria transformadora de hoje é diferente. Competir com sucesso nos mercados mundiais e com a China no terreno dela requer competências, tecnologias e outras capacidades escassas nos países pobres –

precisamente porque são pobres. A indústria transformadora já não oferece um atalho que contorne estas limitações fundamentais.

O resultado é que, mesmo quando os países conseguem atrair mais trabalhadores para a indústria transformadora, isso acontece por meio da expansão de empresas de pequena escala, na sua maioria informais, e em detrimento da produtividade. Esta é a história da industrialização na Etiópia, que outrora representava a esperança de que o modelo do Leste Asiático pudesse ser transplantado para África. A expansão do emprego na indústria transformadora e o aumento da produtividade industrial costumavam andar de mãos dadas nos primeiros países industrializados, como Japão, Coreia do Sul e Taiwan; agora, seguem em direções opostas na Etiópia, em Bangladesh, na Índia e até no Vietnã.

Me tornei um cético em relação à indústria transformadora com relutância. As evidências eram difíceis de ignorar, à medida que as tecnologias de produção se tornavam mais sofisticadas e o fracasso dos países fora do Leste Asiático em se industrializar com sucesso se tornava mais evidente. Comecei a considerar estratégias de crescimento alternativas, não porque tenha passado a considerar a industrialização de base ampla menos desejável, mas porque me convenci de que era menos viável. Como John Maynard Keynes teria dito: “Quando os fatos mudam, eu mudo de opinião; você, senhor, faz o quê?”

Eis um cálculo que pede reflexão. Dos dois bilhões de trabalhadores no mundo em desenvolvimento hoje, estimo que cerca de três quartos (1,5 bilhão) estejam em ocupações que não exigem formação universitária nem estão expostas à economia internacional através do comércio ou da externalização da mão de obra. São agricultores de subsistência, vendedores ambulantes, trabalhadores do varejo e do setor de restaurantes, trabalhadores ocasionais e outros em ocupações não-comerciais. Seu número só vai aumentar nos próximos anos, mesmo que sua percentagem do total diminua um pouco.

A questão crítica que se coloca aos decisores políticos é como melhorar as oportunidades econômicas destes trabalhadores. Os números tornam dolorosamente claro que nem a industrialização nem a educação podem ser a resposta, por mais desejáveis que sejam. Será crucial encontrar meios de aumentar a produtividade dos trabalhadores em serviços intensivos em mão de obra; do contrário, os ganhos no padrão de vida não poderão ser sustentados.

Os serviços não-comercializáveis têm sido tradicionalmente um entrave ao crescimento econômico. Muitos decisores políticos estão, por isso, pessimistas quanto ao seu potencial. Mas isto pode estar mudando. Algo parecido com uma revolução na produtividade dos serviços vem acontecendo, de forma mais visível nas economias avançadas, através de inovações organizacionais, da utilização de plataformas digitais e de outras novas tecnologias.

Para as economias em desenvolvimento como um todo, as últimas três décadas foram um período raro de crescimento econômico acelerado e convergência com as economias avançadas. Vale notar que os serviços, e não a indústria transformadora, respondem por este resultado.

Como mostra os economistas Tianyu Fan, Michael Peters e Fabrizio Zilibotti num trabalho empírico detalhado, o notável crescimento econômico da Índia tem sido impulsionado por ganhos de produtividade em serviços de consumo, como o varejo e a

hotelaria, produzidos para os mercados locais, e não em serviços exportáveis e intensivos em competências, como as TIC e o BPO (respectivamente, Tecnologias da Informação e Comunicação e Terceirização de Processos de Negócios - Business Process Outsourcing, em inglês), pelos quais o país é bastante conhecido. Estes autores documentaram mecanismo semelhante em ação também nas economias em rápido crescimento da África Subsariana.

As evidências sugerem a possibilidade de um ciclo virtuoso de crescimento econômico baseado em serviços para a classe média. A expansão da classe média desloca a procura dos consumidores para serviços de maior qualidade e mais produtivos, o que, por sua vez, permite o aumento da renda dos trabalhadores que sustenta a classe média. Mas o processo não é automático. Requer um papel importante do governo na facilitação das melhorias de produtividade necessárias.

Como Rohan Sandhu, da Harvard Kennedy School, e eu temos argumentado, muitas experiências bem-sucedidas no mundo todo já servem como prova de conceito. Elas incluem iniciativas que incentivam empresas de plataforma a empregar insumos e trabalhadores locais, ajudam as microempresas com formação e certificação e fornecem IA personalizada e outras ferramentas tecnológicas adaptadas às circunstâncias dos países em desenvolvimento.

Esforços dedicados nesse sentido podem construir um modelo de crescimento mais confiável e mais inclusivo. Sem eles, a grande maioria dos trabalhadores no mundo em desenvolvimento ficará em situação de precariedade, isolada dos enclaves de alta produtividade ligados à economia global. **(Tradução de Fabrício Calado Moreira)**

**Dani Rodrik, professor de economia política internacional na Harvard Kennedy School, é ex-presidente da International Economic Association e autor de Shared Prosperity in a Fractured World: A New Economics for the Middle Class, the Global Poor, and Our Climate (“Prosperidade compartilhada num mundo fraturado: Uma nova economia para a classe média, os pobres do mundo e nosso clima”, em tradução livre do inglês) (Princeton University Press, 2025).**

**Direitos autorais: Project Syndicate, 2026.**

**[www.project-syndicate.org](http://www.project-syndicate.org)**